

TERRITÓRIOS EDUCACIONAIS

Os ambientes da infância

Marcella Duque da Silva¹ e Letícia Brayner Ramalho²

Resumo

As abordagens Waldorf, Montessoriana e Pikleriana possuem em seus princípios a importância da observação do bebê, sua competência na autonomia de explorar seu corpo e o ambiente em que está inserido. Para esses autores, o ambiente é propulsor de estímulos sensoriais, aprendizagem e desenvolvimento. Os materiais arquitetônicos que compõem os ambientes possuem a intenção de que a criança, através do brincar livre e da exploração espontânea, encontre descobertas, crie memórias, novas habilidades, conceituando assim a aprendizagem e o desenvolvimento na fase da primeira infância. O estudo tem o objetivo de observar como as abordagens compõem seus ambientes, que priorizam, através da organização, a aprendizagem e o desenvolvimento da criança de 0 a 3 anos. A revisão bibliográfica e sistemática do tema envolve as áreas da educação, da psicologia e da arquitetura, que contribuem para o conhecimento da organização, do ambiente e para o propósito de conceituar, através do espaço, a aprendizagem e o desenvolvimento.

Palavras-chave: ambientes, aprendizagem, desenvolvimento, abordagens educacionais.

EDUCATIONAL TERRITORIES

Childhood environments

Abstract

The Waldorf, Montessoriana and Pikleriana educational approaches have in their principles the importance of observing children, their competence in the autonomy of exploring their bodies and the environment in which they are inserted. For these authors the environment is a propellant of sensory stimuli, learning and development. The architectural materials that make up the environments of the approaches have the intention that children find discoveries, creates memories, new skills through free play and spontaneous exploration, thus conceptualizing learning and development in the early childhood phase. This study aims to observe the common aspects of how the approaches compose their environments, which prioritize, through the organization, the learning and development of children from 0 to 3 years old. The bibliographic and systematic review of the theme involves education, psychology and architecture areas, which contribute to the knowledge of environment organization and the purpose of conceptualizing learning and development through space.

Keywords: development, educational approaches, environments, learning.

¹ Designer de Interiores – IFAL (2019). Graduada em Arquitetura e Urbanismo – UNIT/AL com realização de período sanduíche na Universidade Fernando Pessoa, Porto/PT. Estuda sobre o espaço e o ambiente da primeira infância, psicologia ambiental, aprendizagem e desenvolvimento humano.

² Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas - UFAL em 2008. Mestre em Habitação: planejamento e tecnologia, com ênfase em Tecnologia em Construção de Edifício pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo - IPT em 2012. Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas na área Temporalidades e Representações.

Introdução

A pesquisa se detém na observação dos ambientes educacionais das abordagens de Waldorf, Montessori e Pikler, em como essas metodologias de ensino observam a criança em sua aprendizagem, desenvolvimento e autonomia, em sua fase inicial na primeira infância, que ocorre dos 0 aos 3 primeiros anos. O ambiente, através de sua organização e objetivo de criação, influencia no comportamento do ser humano. Portanto, no meio pedagógico, o ambiente também é um educador, em seu uso diário a criança aprende e se desenvolve com as atividades realizadas e com a própria exploração do seu entorno.

“A maioria das escolas brasileiras ainda oferece um espaço que determina a disciplina, em uma relação de mão única, na qual a criança é mantida em uma imobilidade artificial” (HORN, 2004, p.27). O ambiente escolar, por vezes, torna-se um limitador do desenvolvimento da criança, pois tem-se um direcionamento didático a ser cumprido, por essa razão, as propostas das abordagens de Waldorf, Montessori e Pikler foram revolucionárias em seu início e até hoje são. As práticas de observação, o brincar livre e a exploração autônoma dos espaços, proporcionam à criança experiências, de acordo com seu ritmo individual de desenvolvimento, e uma aprendizagem prazerosa, pela qual, antes das regras didáticas, a criança explora o mundo, seu próprio mundo.

Para a formação deste estudo, tem-se como princípio a importância dos ambientes utilizados pelas crianças no dia a dia escolar, relevando a interação ambiente versus criança e as diversas possibilidades de aprendizado e desenvolvimento a partir dessa interação. Portanto, para formação do estudo, uma das autoras pesquisa sobre territórios educacionais e ambientes da primeira infância na linha da interação ambiente e criança,; a outra possui uma vivência em um dos territórios, obtendo conhecimento da organização dos ambientes e das atividades cotidianas,. Em conjunto, essas autoras desenvolveram uma metodologia de análise através da escolha das imagens que mostram os ambientes em sua organização e funcionalidade.

Como aprendemos? Como o espaço educacional pode estimular o desenvolvimento da criança? Quais metodologias educacionais se diferenciam do padrão? Como o ambiente pode influenciar no comportamento e na aprendizagem? Essas perguntas motivam o desenvolvimento desta pesquisa, fazendo uma revisão bibliográfica direcionada aos temas relacionados à psicologia, à neurociência, à educação e à arquitetura, tendo como base teórica os livros dos seguintes autores: Elali (2018), que pesquisa a relação da pessoa e do ambiente; Cosenza e Guerra (2011), que, através da neurociência, explicam como o cérebro aprende e como o ensino educacional influencia na ativação dos neurônios e; Horn (2004), que, através da pedagogia e da organização do ambiente, otimiza o processo de aprendizagem.

Para um conhecimento das práticas a serem abordadas, a pesquisa teve como base bibliográfica os livros escritos por Falk (2010), colaboradora de trabalho de Emmi Pikler, e Tardos (1992), filha de Pikler, com teoria base para a compreensão da abordagem Pikler e para a organização dos ambientes utilizados; Isaacs (2018), referência para conhecimento da construção dos espaços Montessoriano e; Nicol (2010), que descreve os ambientes da abordagem pedagógica Waldorf, metodologia criada por Rudolf Steiner.

Os espaços educacionais analisados estão localizados na cidade de Maceió, no estado de Alagoas – BR, e são destinados ao setor privado, atendendo a crianças na fase da primeira infância. Em tempos de pandemia (2020), sem ser possível o acesso in loco para estudo de observação da organização dos ambientes, teve-se, como recurso utilizado, as redes sociais Instagram e Facebook, assim possuindo acesso às páginas

públicas do Espaço Montessoriano Escola Infantil, que tem a pedagogia Montessori como base da construção pedagógica, do Ateliê Vila Materna, com os princípios da abordagem de Emmi Pikler, e do Jardim Semear, formado através da abordagem pedagógica de Rudolf Steiner.

Para análise dos ambientes organizados de acordo com cada abordagem, pelo recurso utilizado, foram escolhidas, entre as imagens disponíveis, as que captaram melhor o entorno do ambiente, sendo visível sua estrutura de organização e os materiais que compõem o ambiente. Por meio dessas, foi possível realizar o método comparativo, observando a organização dos ambientes diante das suas respectivas abordagens e identificando as similaridades entre elas.

Assim, o objetivo principal deste estudo é observar os aspectos em comum, como as abordagens compõem seus ambientes, que priorizam, através da organização, a aprendizagem e o desenvolvimento da criança de 0 a 3 anos. Para tecer tais relações, a pesquisa se debruça sobre: a investigação do funcionamento do cérebro, de como se concebe a aprendizagem; quais as fases do desenvolvimento na primeira infância; a percepção das abordagens Waldorf, Montessori e Pikler; como cada abordagem influencia na construção de seu ambiente de aprendizagem; e o que as três abordagens possuem em comum em seus ambientes.

Territorialidade, o ser humano e o ambiente

A importância do arquiteto e do designer de interiores na criação e na preparação de um ambiente é para que a vivência de seu uso não se torne desnecessária. É relevante essa questão pois muito do que se encontra na área da arquitetura e do designer de interiores são espaços adornados/projetados mais para terem destaque em uma capa de revista do que funcionalidade de seu uso, do que eficiência da serventia dos materiais postos no espaço. ROBERT SAMMER (1969, p.03), em seu livro *Personal space the behavioral basis of design*, indaga sobre a “frequência que os designers são consultados tarde demais”, citando como exemplo Oscar Niemeyer e Brasília e a doutrina de Frank Wright “de que a forma segue a função, um antídoto útil para a ornamentação desnecessária”, e descrevendo as fotos brilhantes em revistas, que “mostram salas e corredores vazios, mesas totalmente arrumadas com pratos, talheres e copos de vinho, um livro aberto no sofá e um fogo queimando na lareira”, porém não mostram pessoas no lugar.

O desígnio da tipologia a ser projetada, como a estruturação do ambiente, influenciará no comportamento dos usuários, portanto reflete nas perguntas que antecedem um projeto: O que será projetado? Para quem é o projeto? E, nessa investigação, será que só o conhecimento arquitetônico suprirá a demanda projetual? Por vezes, a união de outras áreas do conhecimento se faz necessária para a criação de um ambiente, com a finalidade de suprir as demandas destinada a tipologia a ser projetada.

Territorialidade estabelece um pensamento de conteúdo pessoal, sociocultural e contextual³ na organização do ambiente. “É um conceito originário da etologia que adentra o campo da psicologia e permite compreender as interações sociais e a apropriação do entorno físico” (HIGUCHI; THEODOROVITZ, 2018, p.228). O ambiente tem o poder de ativar os órgãos sensoriais, indicando que a vivência pessoal “da

³ Pessoais (gênero, idade, personalidade, habilidades etc.), socioculturais (valores, crenças, regras, tipo de atividades, momento histórico etc.) e contextuais (características biogeofísicas e climáticas do lugar) (HIGUCHI; THEODOROVITZ, 2018, p.228).

ambiência, não se trata apenas de perceber uma paisagem ou de apreender visualmente um ambiente, mas de experienciar o conjunto de situações” (THIBAUD, 2018, p.14).

A formação do ambiente é estrategicamente incluir “aspectos psicológicos e culturais”, informações que “traduzem intenções e expectativas de comportamentos dos usuários” (MOREIRA, 2011, p.33). Todo espaço contém propósitos que assim caracterizam os princípios de abordagem em sua construção.

O intuito de projetar um espaço infantil

Projetar para crianças é ter um novo olhar, considerar que esse ser é competente em suas ações e, conseqüentemente, um grande aprendiz dessas ações. As fases iniciais da vida são de extrema importância para a construção de seu conhecimento pessoal, social e cultural, é compreende-se que tudo que se aprende na fase inicial do desenvolvimento é o primórdio do que se solidificará nas fases seguintes da vida (COSENZA; GUERRA, 2011).

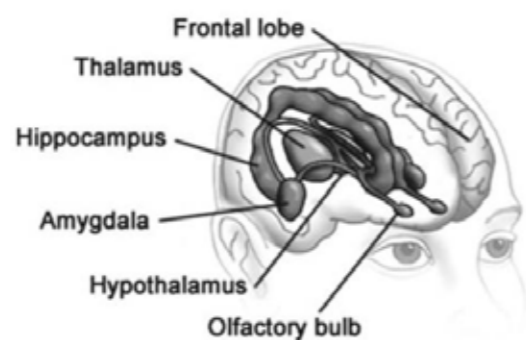
Embora a aprendizagem ocorra no cérebro, nem sempre ele é a causa original das dificuldades observadas. Como ela depende da interação do indivíduo com o ambiente, as falhas na aprendizagem podem estar relacionadas ao indivíduo, ao ambiente ou a ambos. Um aprendiz com boa saúde e todas as suas funções cognitivas preservadas, sem nenhuma alteração estrutural ou funcional do sistema nervoso pode, ainda assim, apresentar dificuldades para aprender. O ambiente na verdade, leva ao desenvolvimento de comportamentos adaptativos que podem dificultar ou propiciar a aprendizagem (COSENZA; GUERRA, 2011, p.130).

Projetar um ambiente infantil tem o conceito principal de refletir sobre como seu entorno possui o intuito de capacitar a criança em conhecimento, desenvolvimento, interação social e percepções sensoriais. Compreender como ocorre no cérebro o processo de aprendizagem, a partir do qual, por consequência tem-se o desenvolvimento, permite que, através do conhecimento interno, possa estruturar-se um ambiente externo em que os órgãos sensoriais criem interação com esse processo de aprendizagem e desenvolvimento.

O ambiente consegue influenciar as competências da criança como, por exemplo, a comunicação, a fala, o seu nível de independência, a sua capacidade de recuperar perante eventos difíceis ou a sua capacidade para estabelecer relacionamentos. Durante o desenvolvimento, os genes e o ambiente influenciam-se reciprocamente. A maneira como os genes e o ambiente trabalham em conjunto afeta em grande medida o desenvolvimento da criança (SERRANO, 2018, p.15-16).

Todas as informações do ambiente que cerca o nosso corpo são captadas pelos órgãos sensoriais, e os principais órgãos do sistema sensorial são os ouvidos, os olhos, a língua, o nariz e a pele. Esses são chamados de receptores e transmitem as informações pelos neurônios até chegarem ao cérebro. Os neurônios, também chamados de células nervosas, que interligam os lobos, “processam e transmitem a informação por meio de impulsos nervosos que os percorrem ao longo de toda sua extensão” (COSENZA; GUERRA, 2011, p.13).

No fundo do cérebro, encontra-se o sistema límbico (parte do cérebro que se desenvolve rapidamente nos primeiros 5 anos de vida), responsável pela “memória, emoção, motivação, comportamento, e as funções autonômicas” (ENZ; STAMM, 2013, p.175). No sistema, localiza-se quatro partes (Fig.01) ligadas à aprendizagem e à memória. Os sinais destinados às atividades cognitivas, como a memória e todas as informações



sensoriais externas, são recebidos pelo tálamo. Já o hipotálamo, localizado abaixo do tálamo, monitora os sistemas internos do corpo, como os hormônios, o sono, a temperatura, a ingestão de alimentos e líquidos, pois, se ocorre uma falta de equilíbrio dessas funções, torna-se difícil concentrar-se nos processos cognitivos (SOUZA, 2017).

O intuito de projetar um espaço infantil

Projetar para crianças é ter um novo olhar que este ser é competente em suas ações e conseqüentemente um grande aprendiz dessas ações. As fases iniciais da vida são de extrema importância para a construção de seu conhecimento pessoal, social e cultural, é compreender que tudo que se aprende na fase inicial do desenvolvimento é o primórdio do que se solidificará nas seguintes fases da vida (COSENZA; GUERRA, 2011).

Embora a aprendizagem ocorra no cérebro, nem sempre ele é a causa original das dificuldades observadas. Como ela depende da interação do indivíduo com o ambiente, as falhas na aprendizagem podem estar relacionadas ao indivíduo, ao ambiente ou a ambos. Um aprendiz com boa saúde e todas as suas funções cognitivas preservadas, sem nenhuma alteração estrutural ou funcional do sistema nervoso pode, ainda assim, apresentar dificuldades para aprender. O ambiente na verdade, leva ao desenvolvimento de comportamentos adaptativos que podem dificultar ou propiciar a aprendizagem (COSENZA; GUERRA, 2011, p.130).

Projetar um ambiente infantil tem o conceito principal de como seu entorno possui o intuito de capacitar a criança em conhecimento, desenvolvimento, interação social e percepções sensoriais. Compreender como ocorre no cérebro o processo de aprendizagem que de conseqüência tem-se o desenvolvimento, permite que através do conhecimento interno possa estruturar um ambiente externo em que os órgãos sensoriais criem interação com esse processo de aprendizagem e desenvolvimento.

O ambiente consegue influenciar as competências da criança como, por exemplo, a comunicação, a fala, o seu nível de independência, a sua capacidade de recuperar perante eventos difíceis ou a sua capacidade para estabelecer relacionamentos. Durante o desenvolvimento, os genes e o ambiente influenciam-se reciprocamente. A maneira como os genes e o ambiente trabalham em conjunto afeta em grande

medida o desenvolvimento da criança (SERRANO, 2018, p.15-16).

Todas as informações do ambiente que cerca o nosso corpo é captado pelos órgãos sensoriais, e os principais órgãos do sistema sensorial são os ouvidos, os olhos, a língua, o nariz e a pele. Estes são chamados de receptores, que transmitem as informações pelos neurônios até chegar ao cérebro. Os neurônios também chamados de células nervosas que interligam os lobos, “processam e transmitem a informação por meio de impulsos nervosos que os percorrem ao longo de toda sua extensão” (COSENZA; GUERRA, 2011, p.13).

No fundo do cérebro encontra-se o sistema límbico (parte do cérebro que se desenvolve rapidamente nos primeiros 5 anos de vida), responsável pela “memória, emoção, motivação, comportamento, e as funções autonômicas” (ENZ; STAMM, 2013, p.175). No sistema localiza-se quatro partes (Fig.01) ligadas a aprendizagem e memória. Os sinais destinados as atividades cognitivas, como a memória e todas as informações sensoriais externas são recebidas pelo tálamo, já o hipotálamo, localizado abaixo do tálamo, monitora os sistemas internos do corpo como os hormônios, o sono, a temperatura, a ingestão de alimentos e líquidos, pois se ocorre uma falta de equilíbrio dessas funções torna-se difícil se concentrar nos processos cognitivos (SOUZA, 2017).

O hipocampo, é uma parte importante na consolidação da aprendizagem, pois converte as informações de memória e as armazena por longo prazo,; recebendo novas informações, faz o papel de comparar as novas com as já armazenadas, o que faz parte do processo de criação de significado. Logo abaixo, encontra-se a amígdala, que tem a função de identificar a emoção. Essa trabalha em conjunto com o hipocampo, pois, quando lembra-se de uma memória armazenada, vem junto as emoções vivenciadas dessa lembrança. Uma conexão com o aprendizado, a emoção, a memória e o significado (SOUZA, 2017).

É através das informações sensoriais externas que chegam ao cérebro “que tomamos conhecimento do que está acontecendo no ambiente ao nosso redor e com ele podemos interagir de forma satisfatória” (COSENZA; GUERRA, 2011, p.20). Compreendendo como o ser aprende internamente, assimila-se como o exterior pode ser preparado, como o ambiente pode ser organizado com a finalidade da criança explorar seu entorno, permitindo o fluir da aprendizagem e do desenvolvimento.

O desenvolvimento infantil – Primeira Infância: 0 a 3 anos

Esta seção é destinada a compreender o processo de desenvolvimento da criança em sua primeira fase de vida, que ocorre dos 0 aos 3 anos de idade. Para esse conhecimento, o texto descrito tem como base as pesquisas da autora SERRANO (2018), a qual propõe o ambiente como meio de interação da criança em sua fase de desenvolvimento. Para a autora, “o ambiente consegue influenciar as competências da criança”, nesse espaço, ela consegue desenvolver-se através da comunicação, do brincar, e irá entender o funcionamento dos materiais e, concomitantemente, construir seu conhecimento/aprendizagem (SERRANO, 2018, p.14-15).

Dentro do útero, o bebê já inicia o desenvolvimento sensorial,; ao nascer, as informações sensoriais partem do próprio corpo e do entorno do ambiente em que vive. Essas informações chegam através de três sistemas: o tátil, o proprioceptivo e o vestibular. O tátil é através da pele que reveste todo o corpo, das pontas dos dedos e da boca. Através da ação de tocar, o bebê conhece as texturas e as formas de objetos, um importante fator na discriminação, fazendo essa parte da aprendizagem de como manipular objetos.



O sistema propioceptivo, é o movimento automático e constante do corpo, o entendimento de controle do corpo diante do esforço para manipular objetos. O sistema vestibular, localizado no ouvido interno, está ligado ao equilíbrio, registra “a sensação da posição, velocidade e direção do movimento da cabeça, a força da gravidade e o movimento do corpo no espaço” (SERRANO, 2018, p.39).

O desenvolvimento motor é a capacidade que a criança tem de controlar o corpo nos movimentos de locomoção, espontâneos e propositais. Esse divide-se em dois: desenvolvimento motor global, relacionado à ação de mover todo o corpo, como pular, andar e correr; desenvolvimento motor fino, o qual compete ao uso da mão, como para agarrar um objeto, para comer, para desenhar, para apontar e para explorar formas.

Compreender a entonação da voz do cuidador no momento de afeto ou de repreensão está relacionado ao desenvolvimento perceptivo, esse é o entendimento das informações sensoriais, essa fase está inserida em todos os momentos de sua exploração do ambiente, como entender cor, profundidade e altura, entender as consequências de uma ação, como o abrir e fechar uma gaveta sem machucar os dedos. Esse se potencializa no decorrer das fases do desenvolvimento.

O desenvolvimento cognitivo pertence ao pensamento, “inclui a aquisição e consolidação do conhecimento”. Estão inseridas nesse contexto a imitação, a compreensão da consequência de uma ação, a exploração do ambiente, a interação social, a resolução de problemas, a memória, a atenção e a concentração nas atividades (SERRANO, 2018, p.54-68).

O desenvolvimento socioemocional, acontece quando o bebê compreende seus estados de emoção e os dos outros, constrói relações com os adultos e com outras crianças. Ao manifestar suas emoções, como expressões faciais, vocalizações e linguagem corporal, o bebê terá ajuda que suprirá sua necessidade. Essas expressões emocionais fazem parte da comunicação, que também se liga ao desenvolvimento da linguagem.

O desenvolvimento do brincar se insere em todas as fases do desenvolvimento, pois é através da exploração de seu entorno e da interação social que o bebê irá desenvolver suas competências. Todas as fases do desenvolvimento estão interligadas, ao ter conhecimento de uma fase, outra está sendo absorvida, assim uma faz parte da outra. Cada bebê em seu tempo terá realizado todas as fases, consolidará o aprender e a competência para usá-las em conjunto.



Figura 4 – Jardim Semear: território educacional criado através da abordagem Waldorf. Fonte: Jardim Semear. Disponível em: < https://pt-br:facebook.com/pg/JardimSemear/photos/?ref=page_internal>.

A composição do território

Localizados no estado de Alagoas, na capital Maceió (Fig.02), os territórios educacionais escolhidos têm como base teórica a criança como principal meio de observação, compreensão do ritmo individual, de espaços que estimulam a exploração e o brincar livre, propiciando a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. Neste estudo, o olhar está direcionado ao ambiente, então serão ressaltados os elementos que compõem os ambientes interno e externo, percebendo que as abordagens conversam entre si na estruturação dos ambientes.

Para as abordagens de Pikler e Waldorf, serão mostrados os únicos territórios educacionais encontrados na cidade de Maceió. E para a pedagogia Montessoriana, a escolha se deu por aqueles territórios que aplicam essa metodologia na estruturação dos ambientes, bem de acordo com as bases teóricas descritas por Montessori. Também foram escolhidos pela proximidade de localização, pois os bairros estão na mesma região (Fig.03), compreendendo assim que atendem o mesmo público e classe social.

As imagens a serem observadas adiante foram escolhidas por uma melhor visualização do ambiente, são imagens que capturaram o ambiente de forma que dê para observar os materiais como móveis, objetos diversos, brinquedos e as cores utilizadas nos elementos como cortina, brinquedos, parede etc. Nas imagens que mostram crianças, optou-se pelas fotos em que não aparecem os rostos, pela moral ética de uso de

Figura 7 – Mesa sazonal. Fonte: Jardim Semear. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/pg/JardimSemear/photos/?ref=page_internal>. Figura 8 – Experiência com a luz. Fonte: Jardim Semear. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/pg/JardimSemear/photos/?ref=page_internal>.



Figura 5 – Ambiente: Sala de Aula. Fonte: Jardim Semear. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/pg/JardimSemear/photos/?ref=page_internal>. Figura 6 – Experiência com a luz. Fonte: Jardim Semear. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/pg/JardimSemear/photos/?ref=page_internal>.



Figura 8 – Ambiente Externo. Fonte: Jardim Semear. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/pg/JardimSemear/photos/?ref=page_internal>.

imagem, mas, sendo necessárias para mostrar a interação das crianças com o ambiente e uso dos elementos expostos.

Abordagem Pedagógica Waldorf e seu território

A primeira escola Waldorf surgiu após a Primeira Guerra Mundial, com a essência de “desenvolver uma arte de educação que nos guie fora do caos social em que caímos. A única saída disso é trazer espiritualidade para a alma dos seres humanos através de Educação” (STEINER, 2003 apud NICOL, 2010, p.05).

O trabalho de construir um desenvolvimento físico nos primeiros sete anos da criança se torna a base para um desenvolvimento cognitivo saudável, com a proposta de dominar habilidades físicas de costura, serragem, construção, panificação, dentre outras temáticas, antes da leitura e da escrita. Tem seu princípio na educação de abordagem tríplice holística, que envolve “o querer (fazer), o sentir (emoções) e o pensamento (cognitivo)”. Uma educação centrada no desenvolvimento físico, emocional e cognitivo, na importância das diferenças de cada criança e no crescimento das qualidades humanas. A estrutura cerebral da criança está sendo aperfeiçoada até os setes anos, durante esses anos que antecedem essa formação, o modo de aprendizagem é através do fazer e da experimentação (NICOL, 2010, p.07).

Jardim Semear, é a primeira escola inspirada na pedagogia Waldorf, localizada na cidade de Maceió/AL, no bairro da Cruz das Almas (Fig.04). Uma iniciativa de famílias e educadores que teve início em 2016, integra crianças de 2 a 6 anos de idade, o espaço se assemelha a uma casa, assim como é a proposta da abordagem. Tem como foco o desenvolvimento integral da criança, com o princípio de estimular através do brincar livre, possui ambiente externo para contato com a natureza e prioriza o domínio do próprio corpo, a autoconfiança e a coordenação motora, componentes do desenvolvimento e da competência da aprendizagem infantil (Disponível em: <<https://jardimsemear.com.br/o-jardim-waldorf/>>).

A entrada para o jardim de infância (do território educacional), deve passar aconchego e acolhimento. Fora da sala de aula, deve-se ter um quadro de avisos sobre as atividades semanais e os festivais, para os pais ficarem por dentro dos acontecimentos. No espaço da sala de aula, os materiais são adequados à altura das crianças, a organização ergonômica tem como centro o tamanho de seus usuários, esses materiais são feitos de madeira, também possuem cestas com materiais para o brincar. Normalmente, a cor das paredes das salas é de rosa pêssego (Fig.05), como Steiner as descreveu, decoradas com ramos e artesanato (NICOL, 2010).

O tecido musseline, é usado como cortina e também na interação com a luz, um momento de aprendizagem da transparência, textura, mudança de cor e reflexão da



Figura 9 – Espaço Montessoriano: território educacional criado através da abordagem Montessori. Figura 10 – Sala de aula. Figura 11 – Componentes visíveis de exploração. Fonte: Espaço Montessoriano. Disponível em: <instagram.com/escolaespacomontessoriano/>.



Figura 12 – Experiências Sensoriais. Fonte: Espaço Montessoriano. Disponível em: <instagram.com/escolaespacomontessoriano/>.



luz (Fig.06).

A escola valoriza as estações do ano e os festivais, usa um cantinho onde as cores e os elementos fazem parte da decoração de acordo com a época do ano (Fig.07). Estão presentes também os quatro elementos: a terra, simbolizada por pedras e cristais; a água, através de um pano azul ou tigela com água; o fogo, por velas; o ar, e homem ou animal representados por gnomos, fadas, patos e outros animais (NICOL, 2010).

O espaço externo tem que remeter à natureza o mais parecido possível, com terra, areia, árvores, hortas, e possuir instalações que sejam voltadas à natureza, como equipamentos para escaladas (Fig.08). A metodologia propõe, por vezes, a junção dos pais durante as atividades das crianças, criando sempre um espírito comunitário entre pais, professores e crianças.

Pedagogia Montessoriana e seu território

Na pedagogia de Maria Montessori, o princípio da educação vai além do aprender, possuindo também uma vertente na construção de um ser humano com ética e moral, obtendo um olhar para a personalidade do indivíduo e entendendo que esse é um dos fatores da desordem do mundo. Não é apenas buscar o conhecimento didático, mas “considerar a personalidade e o desenvolvimento das potencialidades tornando-se o centro da educação”, pois para Maria Montessori, “a grandeza da personalidade humana começa com o nascimento do homem” (MONTESSORI, 1949, p.02). A partir desse seu pensamento, Maria Montessori indaga como um bebê, em seu primeiro e segundo ano, irá entender esses princípios éticos ou mesmo irá desenvolver a aprendizagem, já que não compreende nada da fala humana.

Portanto, MONTESSORI (1949, p.04-06), descreve a importância da natureza psíquica do bebê, fato relatado através da observação dos primeiros anos de vida, a observação das expressões externas, revelando “uma mente que absorve conhecimento e se instrui”. As atividades oferecidas em sala de aula e a organização do ambiente influenciam na aprendizagem e se refletem no desenvolvimento das crianças, a proposta do ambiente é oferecer para as crianças “liberdade de movimento, escolha e expressão” (ISAACS, 2018, p.82). MONTESSORI (1949), realça que a preparação do ambiente educacional seja um importante propiciador da absorção de cultura, onde a educação se dar por um processo natural, sem fadiga, com espontaneidade na experiência vivida no ambiente e pela a observação do desenvolvimento particular de cada criança.

Escola Espaço Montessoriano, localizada na cidade de Maceió/AL, no bairro da Jatiúca, originada em 2018, possui a pedagogia de Maria Montessori como meio de oferecer uma educação de qualidade (Fig.09). “Com uma proposta de atendimento individualizado, focada no bem estar dos nossos pequenos, através de atividades prazerosas, educativas e em sintonia com o mundo atual. Tudo para despertar o interesse no aprendizado e prepará-los para fazer as melhores escolhas na sua vida” (Via, Instagram @escolaespacomontessoriano).

O ambiente é um elemento-chave, pois é o facilitador da aprendizagem, seu princípio é promover o desenvolvimento da criança, com uma organização que tenha a fluidez da “liberdade de movimento, escolha e expressão” (Fig.10). As atividades podem ocorrer no chão ou nas mesas, assim a disposição dos móveis vai de acordo com a dinâmica do dia, a sala fica a critério do uso espontâneo das crianças (ISAACS, 2018, p.82).

O ambiente tem o intuito de estimular a criança a explorá-lo (Fig.11), a ter iniciativa própria ao entrar no ambiente, observar e escolher como irá usá-lo. As paredes não



Figura 13 - Vila Materna: território educacional criado através da abordagem Pikler.
 Figura 14 - Ambientes direcionados a fase de desenvolvimento: A) Grupo Ninho;
 B) Grupo Asas; C) Grupo Voo. Fonte: Vila Materna. Figura 15 - Componentes
 Sensoriais. Disponível em: <instagram.com/vilamaterna/>. Fonte: Vila Materna.
 Disponível em: <instagram.com/vilamaterna/>.



possuem muita decoração para não desconcentrar as crianças nas atividades, assim os elementos se concentram mais nas prateleiras abertas, organizadas de forma que os elementos visíveis despertem interesse na criança para explorar os componentes dispostos (ISAACS, 2018).

Os componentes do espaço são preferencialmente feitos de materiais naturais e elementos da natureza, como plantas, que fazem parte da decoração em sala de aula, como visto nas figuras 09, 10 e 11. As áreas internas e externas são propícias às atividades de envolver grupos de crianças através da brincadeira e da exploração de diversos ambientes. As crianças partilham de experiências sensoriais para desenvolver habilidades cognitivas (Fig.12), possuem acesso a variedades de objetos e artefatos diferenciados, os professores acompanham as atividades complementando de forma didática a aprendizagem (ISAACS, 2018).

Abordagem Pikler e seu território

Emmi Pikler, com formação médica pediátrica, constituiu uma prática privada de atendimento a mães e bebês em casa, porque, como era judia, não podia assumir cargo público. Depois da Segunda Guerra, as legislações públicas mudaram e ela assumiu o Orfanato Lóczy em 1946. O objetivo de Pikler na coordenação do instituto “era a erradicação dos fatores de carência da vida das crianças que, por qualquer razão, não puderam ser criadas junto às suas famílias e eram confiadas, dia e noite, a uma instituição” (FALK, 2003, p.29).

A abordagem se volta a observar o recém-nascido e, continuamente, o seu desenvolvimento, “não é apenas ajudar a criança a superar a separação, mas também lhe assegurar uma vida cotidiana rica” (FALK, 2003, p.29). Emmi Pikler, através de suas descobertas com as famílias que tinham seu acompanhamento como pediatra, analisava a iniciativa que partia da criança diante de seus movimentos, atividades livres e exploração do ambiente, sempre mostrando que os bebês são competentes e autônomos em seu desenvolvimento (TARDOS, 1992).

O espaço pikleriano, é um lugar terapêutico, que respeita a fase de desenvolvimento em que a criança se encontra, um ambiente que proporciona o brincar livre, sua autonomia corporal. Uma relação de valor afetivo e de segurança com o cuidador e com os coleguinhas, sempre respeitando a exploração, a iniciativa própria, entre a criança e o ambiente (FALK, 2010).

A Vila Materna se originou no princípio de dar apoio e assistência à gestante durante o período de pré-natal, parto e puerpério. Acompanhamento esse de amparo e condução durante o período gestacional, como consultoria de parto domiciliar com doulas, aulas de dança, pilates, yoga e cursos. Teve sua inauguração no mês de abril de 2016, na cidade de Maceió/AL, no bairro da Ponta Verde, idealizada pela jornalista Letícia Pacheco. Com o passar do tempo, cada vez mais as crianças foram sendo inseridas, criando colônias de férias e oficinas sensoriais, e, com a inserção das crianças, tornou-se um ateliê brincante, tendo como princípio a abordagem pikleriana, voltada ao desenvolvimento de bebês (Fig.13).

Organiza-se em três grupos: o grupo Ninho, para bebês a partir de 06 meses, uma fase rica na exploração do corpo e ambiente, “trabalhamos a relação da criança com esse corpo e sua influência sobre o meio em que está inserida”; o grupo Asas, para bebês a partir de 16 meses, “trabalhamos a relação da criança com ela própria, sua autonomia e sua influência sobre as pessoas ao seu redor”; e o grupo Voo, para bebês a partir de 22 meses, “aqui trabalhamos a relação da criança com ela própria, sua autonomia, suas emoções e relações com o mundo e as pessoas” (Via, Instagram @vilamaterna).

O ambiente é adaptável às mudanças e ao crescimento no desenvolvimento da criança, a diversidade dos materiais colocados à disposição das crianças tem como referência “o estágio de desenvolvimento” (FALK, 1990, p.23). A figura 14, mostra ambientes de acordo com a faixa etária das crianças que usam o ambiente e nota-se as diferenças dos materiais usados propícios à fase de desenvolvimento.

A abordagem visa uma relação profissional afetiva, estável e contínua com os educadores, assim a criança estabelece uma segurança de poder participar do ambiente. Um território que lhe passe “segurança e bem-estar”, desenvolva um senso coletivo, “observações e descobertas”, no qual possa ter uma “vida cotidiana rica” e se “desenvolver e estruturar-se” (FALK, 2003, p.29-30). Os ambientes estimulam os interesses das crianças na forma de exploração, permitindo que elas sejam protagonistas do fazer próprio, do brincar livre, da autonomia de suas ações, conquistando assim

conhecimento e aprendizagem.

Voltada para o desenvolvimento psicomotor, psicossocial e afetivo, e concretizando, através das observações, que o bebê é competente e autônomo para se desenvolver e aprender, os ambientes proporcionam experiências sensoriais, de descobertas dos seus sentidos, ativando a imaginação, criando e conceituando suas ações. As atividades não são direcionadas, mas sim organizadas e expostas para que as crianças interfiram nos componentes como desejarem. A figura 15, mostra atividades que exploram os sentidos, através da luz e seu reflexo, das texturas, aromas, cores dos elementos expostos na mesa, usados à maneira das crianças. Nota-se também o uso presente dos materiais naturais, como a madeira e os elementos artesanais que compõem o ambiente.

O que as abordagens compartilham em seus espaços

Os materiais que compõem o território educacional das abordagens apresentadas são impactados principalmente pelos sentidos sensoriais, acontece um encontro do ambiente com os órgãos dos sentidos, a organização e os elementos existentes influenciam na exploração do espaço diante da preferência que se estabeleceu nesse encontro, ocorrendo um comportamento que através dele conceitua a aprendizagem e o desenvolvimento.

As três abordagens trazem os aspectos naturais para o ambiente interno. A colocação de plantas, o uso de materiais de madeira, os elementos artesanais, o brincar com folhas secas, o faz de conta com alimentos crus, todos esses elementos naturais remontam à relação de cuidado e respeito do homem com a natureza, a como os materiais naturais podem ser utilizados e úteis às atividades lúdicas e às particularidades sensoriais, como visualização de cores, aromas, tato das fibras e veios, produzindo um desenvolvimento afetivo e cognitivo de descobertas e perceptivo de uso. Tem-se o encontro do ambiente interno e do externo, atividades realizadas diante das experiências que o espaço aberto ou fechado pode trazer, uma dinâmica na aprendizagem, uma contribuição para o desenvolvimento motor.

No raciocínio pedagógico, no entanto, a “tatilidade” é uma palavra-chave: tatilidade da boca, das mãos, do corpo inteiro. Pelo toque da pele, crianças muito pequenas exploram o mundo com um “radar” extremamente sensível e inteligente. A criança sente os materiais, a luz e a temperatura, e estabelece relações de simpatia, antipatia e indiferença; A variedade de sensações é ampla. As crianças tocam, acariciam, esfregam e afagam; com uma ou duas mãos, com as pontas dos dedos, palma ou dorso da mão, com as articulações, com os cantos das mãos (CEPPI; ZINI, 2013, p.84).

A madeira se faz presente na construção das mesas, das cadeiras, dos armários, das estantes dos brinquedos, das caixas de luz e de areia, no revestimento do piso, na estrutura do parque e articuladores de movimento. O uso da madeira nos diversos objetos traz o poder do sentir o natural, do toque dos veios e da percepção de um material que é usado e se desgasta com o tempo, de temperatura constante e de cor neutra. Por ser um material usado em componentes fixos, de grande porte e sem constate mudança de onde se encontra no ambiente e em grande quantidade, sua cor neutra permite não contrapor com o uso de diversas cores, como nas paredes, nos brinquedos, nas cortinas e nos demais elementos que compõem o entorno do ambiente.

Nota-se que os materiais estão ergonomicamente dispostos ao tamanho da criança, assim essa possui a liberdade da exploração, consequentemente o ambiente provê segurança e funcionalidade na execução de seus materiais. Outros materiais não estão ao alcance da criança, isso remete à relação afetiva com o adulto, lembrando a precisão dele para uso do ambiente, assim ocorrendo comunicação com o cuidador. A disposição do mobiliário permite uma flexibilidade no uso do ambiente de acordo com a atividade a ser realizada, podendo mover o mobiliário, não obtendo uma regra padrão, havendo uma funcionalidade no uso dos materiais e do espaço.

A luz também é um componente em comum nos ambientes, está presente na mesa de luz que atrai as crianças e cria um nível de concentração e estimulação. A projeção da luz na parede cria sombras autônomas com o movimento do corpo, a incidência luminosa natural inserida no ambiente pode criar um cenário luminoso através da disposição dos materiais ou cortinas. “A iluminação é responsável por três dimensões perceptivas diferentes: visibilidade, estética e sensação de passagem do tempo” (CEPPI; ZINI, 2013, p.54).

Essa observação dos componentes em comum das metodologias tem a análise de como elas conversam entre si, possuindo conceitos em comum. A diferença que ressalta-se mais seria que a Waldorf, é mais holística, apropria-se mais do que a natureza tem a oferecer, a Pikleriana, é centrada na observação do bebê, em seus movimentos, nas relações afetivas com o próximo, e a Montessoriana, em sua organização dos ambientes e no uso de fardamento dos alunos por exemplo, tem a intenção de priorizar a prática didática. Porém, unificam-se na visão da própria autonomia, da aprendizagem e do desenvolvimento na primeira infância.

Considerações finais

Nos tempos atuais, o mundo digital é uma janela de acesso facilitado e expansivo, como, por exemplo, a construção deste estudo que teve como base o uso das redes sociais, que em tempos de pandemia contribuiu para a construção visual. Porém, observando o lado infantil, o mundo virtual direcionado à fase inicial da criança, pode prender a atenção, por vezes, tornando-se um vício, deixando de lado as experiências a serem vividas no ambiente físico, que é onde ocorre a construção do movimento, da autonomia, do fazer de iniciativa própria, do brincar livre.

Assim, o estudo traz a relevância de espaços educacionais que priorizam a interação da criança com o ambiente. É gratificante obter conhecimento sobre as abordagens educacionais Pikler, Montessori e Waldorf, pois o oferecimento da prática metodológica prioriza a observação centrada na aprendizagem e no desenvolvimento da criança através do brincar livre, de atividades que estimulem o conhecimento, o respeito do ritmo individual de habilidades, das relações sociais e do aprender atividades cotidianas antes da educação didática. E o ambiente faz parte desse processo de crescimento, tornando-se também um educador, compondo em sua organização elementos que estimulem a exploração.

O ambiente tem um destaque, pois é ao adentrar nele que a percepção sensorial será o primeiro contato da criança com o ambiente, a partir dessa relação, ocorrem as atividades dentro do espaço. A organização e a utilização de todos os componentes inseridos no ambiente arquitetonicamente, influencia na exploração autônoma da criança, entendendo que a composição ali inserida faça parte da faixa etária de seu desenvolvimento, contribuindo para a aprendizagem, descobertas de novas habilidades e aprimoramento das habilidades existentes.

Com o princípio da observação, a análise feita dos componentes em conjunto das abordagens conclui que os autores das metodologias possuem uma conversa unificada em seus objetivos, na construção de seus ambientes ofertados à autonomia, e no trabalho das áreas da psicologia, da pedagogia e da arquitetura para contribuir no desenvolvimento da criança na fase da primeira infância.

Referências

CEPPI, Giulio. ZINI, Michele. *Crianças, espaços, relações: como projetar ambientes para a educação infantil*. Porto Alegre: Penso, 2013.

COSENZA, Ramon M.; GUERRA, Leonor B. *Neurociência e educação: como cérebro aprende*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ENZ, Billie; STAMM, Jill. *Effective strategies to help teachers learn about brain development*. In: WASSERMAN, Leslie Haley; ZAMBO, Debby. (editors). *Early childhood and neuroscience – links to development and learning. Educating the Young child 7*. Springer. 2013. Cap. 11, p.171-189.

FALK, Judit. *Cuidados pessoais e prevenção*. Infância nº4, 1990. In: FALK, Judit (organizadora). *Abordagem Pikler, educação infantil. Coleção primeira infância educar de 0 a 6 anos*. Omnisciência. 2016. Cap.1, p.20-28.

FALK, Judit. *A estabilidade por meio da continuidade e qualidade dos cuidados e das relações*. Infância nº 80, 2003. In: FALK, Judit (organizadora). *Abordagem Pikler, educação infantil. Coleção primeira infância educar de 0 a 6 anos*. Omnisciência. 2016. Cap.2, p.29-41.

FALK, Judit. *Abordagem Pikler, educação infantil*. Coleção primeira infância educar de 0 a 6 anos. Omnisciência. 2016.

HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; THEODOROVITZ, Igor José. *Territorialidade(s)*. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (organizadoras). *Psicologia Ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. Cap.21, p.228-236.

HORN, Maria da Graça Souza. *Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ISAACS, Barbara. *Understanding the Montessori Approach – Early years education in practice*. Second Edition. Routledge, 2018.

MONTESSORI, Mario M. *The Absorbent Mind*. The theosophical publishing house. By Maria Montessori. 1949.

MOREIRA, Ana Rosa Costa Picanço. *Ambiente da infância e formação do educador: arranjo espacial no berçário*. 2011. 132F. Tese (Doutorado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro).

NICOL, Janni. *Bringing the Steiner Waldorf approach to your early years practice*. Second Edition. Series edited by Sandy Green. Routledge, 2010.

SAMMER, Robert. *Personal space the behavioral basis of design*. 1969 by Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs, New Jersey.

SERRANO, Paula. *O desenvolvimento da autonomia dos 0 aos 3 anos – Etapas, atividades e sinais de alerta – Desenvolvimento sensorial, motor, perceptivo, cognitivo, socioemocional, linguístico e o brincar*. Lisboa, 2018, 1ª edição. Papa-Letras.

SOUSA, David A. *How the brain learns*. Fifth edition. Corwin. 2017.

TARDOS, Anna. *Autonomia e/ou dependência*. Infância nº 15, 1992. In: FALK, Judit (organizadora). *Abordagem Pikler, educação infantil. Coleção primeira infância educar de 0 a 6 anos*. Omnisciência. 2010. Cap.4, p.54-63.

THIBAUD, Jean-Paul. *Ambiência*. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (organizadoras). *Psicologia Ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. Cap.01, p.13-35.